

hermenêutica (caso, p. ex., Heidegger ou Nietzsche), levando o mesmo leitor a um sábio distanciamento e discernimento em face de teses elas mesmas tidas por muitos como sagradas. Acaba assim por desmontar, ou pelo menos, por abalar muitas das certezas típicas de uma corrente filosófica que, pelos seus pressupostos, nem tem legitimidade para propor coisa alguma como certa. Esta operação crítica ocupa a maior parte das páginas do texto, desde a p. 47 até ao fim.

Uma extensa bibliografia (pp. 157-179), integrando os autores e obras mais significativos, seja de incidência directa seja mais ou menos indirecta na história e na problemática da hermenêutica, completa este precioso livro, cuja leitura se torna tão actual e interessante como actual e excessiva (especialmente por exclusiva) se apresenta hoje a corrente hermenêutica do pensamento.

JORGE COUTINHO

QUINTEIRO FIUZA, Luis, **Repensar la Metafísica. Desde el Realismo Transcendental de J. I. de Alcorta**, «Collectanea Scientifica Compostellana» 8, Instituto Teológico Compostelano, Santiago de Compostela, 2002, 304 p., 240 x 165, ISBN 84-7009-377-0.

O autor deste estudo é doutorado em Filosofia e actualmente Bispo Auxiliar de Santiago de Compostela. O autor estudado, J. I. de Alcorta, foi um vigoroso professor, pensador e escritor espanhol que cultivou e procurou inculcar a ideia de que o grande problema da filosofia é o ser e de que o próprio problema do conhecer radica na questão do ser: não há conhecer se não a partir do ser. Formado na tradição

escolástica, assume em face dela uma posição crítica, assumindo e superando ao mesmo tempo, no que considera a sua insuficiência, o realismo moderado daquela.

Seguindo Alcorta, Quinteiro Fiuza expõe e reflecte em sucessivos capítulos sobre filosofia e conhecimento, o espírito e suas modalidades no campo da complexão transcendental, a interconexão originária do ser e do conhecer transcendental, o ser *a priori* mental, o conformar-se da subjectividade, o ser transcendental e a fundamentação da Ética, o ser transcendental e a pessoa. Coteja o pensamento de Alcorta – que faz questão de qualificar como um «transcendentalismo realista» – com o de grandes correntes e autores, especialmente mais próximos no tempo, como o idealismo, Husserl, Heidegger, X. Zubiri e Amor Ruibal.

Num tempo em que faz moda e se tornou de bom tom proclamar o «fim da metafísica», esta é uma obra de coragem e de grande actualidade. Repensar, que não simplesmente restaurar, a Metafísica é, sem dúvida, uma tarefa necessária e urgente.

JORGE COUTINHO

Ferro Couselo, Manuel, **Estudios Filosófico-Teológicos**, «Collectanea Scientifica Compostellana» 13, Instituto Teológico Compostelano, Santiago de Compostela, 2003, 586 p., 240 x 165, ISBN 84-933023-6-8.

D. Manuel Ferro Couselo (1910-1998) foi um ilustre sacerdote galego, da Diocese de Santiago de Compostela, no interior e ao serviço da qual exerceu cargos de grande responsabilidade, sendo, à data da sua morte, Arcediago do Cabido da Catedral. Homem inteligente e culto, professor do Seminário durante largos anos, dedicou boas parte do tempo da sua vida ao estu-

do, ao ensino e à publicação dos frutos do seu labor intelectual.

Este livro, editado pelo Instituto Teológico Compostelano, a actual escola do Seminário, colige os seus trabalhos filosófico-teológicos. Um longo Estudo Introdutório, da autoria do Prof. D. José Leonardo López Montanet, dá-nos conta da vida, personalidade, formação intelectual e científica, actividade pastoral, docente e de publicação. Seguem-se os trabalhos de Ferro Couselo, em sua variedade de temas teológicos e filosóficos, tais como: as conclusões teológicas em Suárez, a chamada fé eclesial, a graça santificante, formulação dogmática e sistemas filosóficos, a analogia, a Igreja e a evolução da cultura, a trilogia progresso-mudança-conservação, a filosofia de Amor Ruibal, etc.

Uma justa homenagem e um testemunho de como se pode integrar na missão de sacerdote e pastor o trabalho intelectual de investigação e aprofundamento de questões que interessam ao pensamento teológico, sobretudo em sua relação com a filosofia.

JORGE COUTINHO

CARVALHO, Daniel Duarte de, Albert Einstein e a Experiência do Conhecimento em Física. A Religiosidade Cósmica como sentimento fundamental do espírito científico, col. «Campo da Filosofia/Noûs» 15, Campo das Letras Editores, Porto, 2002, 248 p., 210 x 135, ISBN 972-610-652-4.

Qualquer pessoa de mediana erudição é capaz de, ao ouvir pronunciar o nome de A. Einstein, saber que ele foi, se não o maior, pelo menos um dos maiores físicos de todos os tempos. O que nem todos saberão é que ele escreveu também sobre al-

guns temas que, de per si, ultrapassam o âmbito das ciências físicas. Ora foi precisamente um destes temas, o sentimento de religiosidade cósmica, que Daniel Duarte de Carvalho escolheu para sobre ele fazer a sua dissertação de mestrado, a apresentar na Universidade do Porto, a qual esteve na origem desta meritória publicação.

Embora, para Einstein, ciência e religião se distingam entre si, quer quanto ao seu objecto quer quanto aos seus métodos, «ciência sem religião é manca, [e] religião sem ciência é cega». Assim se distanciava Einstein de todos aqueles que, nos finais do século XIX e princípios do século XX, julgavam que tinha chegado o momento de a crença ser definitivamente substituída pelo conhecimento científico.

Para o físico da relatividade restrita e generalizada, as ciências nunca nos dão respostas válidas para a compreensão dos fins últimos e das principais aspirações humanas, daquilo que confere sentido à nossa existência, como sejam os ideais de bondade, de beleza e de verdade. Estes exigem outra fonte de saber que não aquilo que provém exclusivamente do uso do método científico. Não nascem da razão, nem por ela são justificados, mas da contemplação religiosa que pressupõe ser próprio das pessoas que se libertaram dos grilhões dos seus desejos egoístas preocuparem-se com pensamentos, sentimentos e aspirações de valor supra-pessoal com tanta naturalidade como sorvem o ar que respiram.

Tendo alguém perguntado a Einstein se era profundamente religioso, ele respondeu calmamente e com grande dignidade: «Sim, pode dizer isso. Experimente penetrar com os nossos limitados meios, nos segredos da natureza e descobrirá que, para lá de toda a consternação discernível, permanece algo de subtil, intangível e inexplicável. A veneração por esta força que está para lá de tudo o que podemos